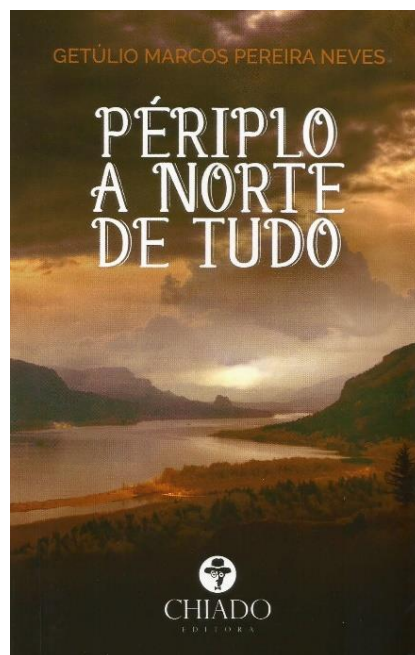


NEVES, Getúlio Marcos Pereira. *Périplo a norte de tudo*. Lisboa: Chiado, 2017.

Paulo Roberto Sodré*



Desde 1859 o termo *périplo* aparece em vernáculo, derivado do francês *périple*, proveniente etimologicamente do latim e do grego, com o sentido de circunavegação, isto é, viagem em torno de um lugar (CUNHA, 1994, p. 596). Por sua vez, viagem significa o “ato de ir de um a outro

* Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

lugar relativamente afastados” (p. 820). Nos dicionários de termos de literários, “viagem” compõe a locução *literatura de viagens*, cujo sentido implica, segundo Olegário Paz e António Moniz a narração de “uma experiência, real ou imaginária, de viagem” (2004, p. 222-223), o que a enquadraria de imediato ao gênero narrativo. Entretanto, se quisermos evitar seu enquadramento genológico, a tópica, isto é, o estudo de *topos* ou temas, poderia contornar sua presença nos estudos literários, o que permite à literatura de viagem a possibilidade de frequentar diversos gêneros ou formas: epopeia, conto, balada, novela, epístola, canção, ensaio, diário, romance etc.

Helena Langrouva, estudando o tema na literatura desde os clássicos antigos, pondera que a viagem implica “experiências humanas de fuga, exílio, saudade da pátria e da família, regresso à pátria, ao desejo de procurar o desconhecido e à procura de crescimento espiritual”, o que pode implicar em situação de “ritos de passagem que exprimem a necessidade de renovação e de regeneração, num tempo e num espaço cíclicos” (2003, p. 267). Tal reflexão nos leva à figura central dessa literatura, o viajante. Esse sujeito, geralmente o narrador em primeira pessoa, se representa e representa aquilo que vivencia, o exercício do percurso, do desbravamento do mundo, seja em busca de si, do autoconhecimento, ou do outro, do desconhecido, da alteridade.

Essas brevíssimas observações são postas em função do título do segundo livro de poemas de Getúlio [Marcos Pereira] Neves, *Périplo a norte de tudo*. Para o poeta, autor também de *Blues, sonetos e canções* (2005)²³, interessa o sentido tanto de viagem como de relato de viagem para o termo “périplo”, “ocasião propícia a busca e a acúmulo de impressões” (NEVES, 2017, p. 9). Não para aí a orientação do autor para os leitores de seu livro:

²³ Além de poeta, o autor publicou o romance *Memória repartida* (2014). Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), membro-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) e membro da Academia Espírito-santense de Letras (AESL), é autor também de *Fonte para a história do Convento da Penha e de seu fundador frei Pedro Palácios* (2002), *Estudos de cultura espírito-santense* (2006) e *Breves notas quase-literárias* (2019), entre outras.

Este périplo a norte de tudo desenrola-se em ocasiões distintas; faz-se em impressões desencontradas, que inobstante se somam e se acumulam numa só intenção.

Vai fragmentado em três partes que traduzem, cada uma, impressões únicas e mais ou menos lúdicas – nem só de flores se constrói o poema: impressões geográfico-reminiscentes; impressões pseudo-apocalípticas; impressões lítero-composicionais – advindas da cogitação poética de lugares e de passados “reais”, de possíveis visões do futuro, do labor composicional em si.

A interagir, como interação, entre si, deve-se entender que constituem um todo, o todo poemático, cuja circunavegação deve ser a meta (p. 9).

Nesse prefácio mínimo do autor – nascido no Rio de Janeiro, em 1964, e criado no Espírito Santo, onde se dedicou à música (um dos fundadores da banda de rock Urublues) e, mais sistematicamente, à carreira jurídica –, observam-se as coordenadas do projeto poético que o levou a produzir e a publicar o livro: o relato de uma viagem ao mesmo tempo literal, a geografia das paisagens, e simbólica, a geografia das impressões e das reflexões. Nesse deslocamento via poesia a noção de viagem se metaforiza, uma vez que o périplo sugere bem mais do que aquele que tornou famoso Fernão de Magalhães; insinua a circunavegação de um leitor por aquilo que o tornou poeta.

Três partes compõem o livro sobre o périplo setentrional: “Mini-nova-quase *Invenção d’Orfeu*” (com vinte e um poemas enumerados como numa série ou no que se consideraria um poema em cascata), “Revelação” (com trinta e três) e “Poeterização” (com vinte e cinco). Os setenta e nove poemas, embora repartidos, articulam o que o autor pretende garantir como o “todo poemático” do poeta navegador.

Da primeira parte – aberta com um poema-prólogo, “Escrevinhas”, sobre o receio dos escrevedores frente à “folha em branco” – o poema I funciona como exórdio:

Bem haja.
Quem quer registrar seu tempo
Em folhas que, a final,
Ao vento se irão?
Como Fernão Ferreiro viajo para dentro de mim mesmo
Bêbado, retiro acertos de Português da boca de meu mestre

E os penduro sobre o nariz como *pince-nez*.
Invento Orfeu, o meu.
Assim, divago (p. 15).

O poema delinea as pistas fundamentais do livro: em que pese a efemeridade do registro do tempo em folhas suscetíveis ao vento, o poeta inventa seu próprio Orfeu e, inspirado, além de Jorge de Lima (e seu clássico *Invenção de Orfeu*, que igualmente recolhe no poema todo o repertório de suas leituras), em Fernão Ferreiro – heterônimo do escritor Renato Pacheco –, viaja para dentro de si mesmo em busca de “folhas” que, apesar de tudo, resistam ao “vento”, ao esquecimento (tema que será retomado na terceira e última parte do livro de Neves). Como aconselha Baudelaire, em seu poema em prosa “Embebedai-vos” (“É preciso estar-se, sempre, bêbado. Tudo está lá, eis a única questão. Para não sentir o fardo do tempo que parte vossos ombros e verga-vos para a terra, é preciso embebedar-vos sem tréguas. Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, a escolha é vossa. Mas embebedai-vos” [2006, p. 205]), o poeta se embriaga de poesia, isto é, de intertextos que compõem seus versos; assim, o poeta *inventa*. Mas não apenas de Lima e Ferreiro, de Fernando Pessoa (poema VIII), de João Cabral de Melo Neto (XIX) ou Manoel de Barros (XX), entre outros, ele sorve suas fontes, mas de seus próprios poemas publicados em *Blues, sonetos e canções*, como o poema “Sereias e blues” (2005, p. 14) tornado o poema XVIII no *Périplo* (“Mas que coisa linda” [p. 27]).

João Evangelista e seu “Apocalipse” abrem a segunda parte do livro: “Revelação”. Inquietante, essa parte expõe um poeta a contrastar criticamente o pensamento melancólico de um Salomão eclesiástico (“[...] nada há de novo debaixo do sol” [Eclesiastes 1:9]) com o curso irrequieto e transformador da História (“Nada haverá de novo/ Sob o sol?” [p. 36]). Contra o verso salomônico diversos nomes e episódios são levantados pelo poeta, argumentando que “Acordes viram harmonias/ Noites viram dias,/ Sempre./ Tudo se transforma sob o sol” (p. 35). As noções de religião (judaica, judaico-cristã, muçulmana ou masdeísta) se imiscuem nas referências a figuras (Plantageneta, Pasteur, Ibn Laden et al.) e eventos históricos (Termópilas, Cruzadas, terremoto de Lisboa, Batalha do

Álamo, destruição de Hiroshima etc.) ou ficcionais (Heitor, Arthur, Quixote, Kenobi et al.). Isso gera um quebra-cabeças de tempos, espaços e figuras que sofreram “debaixo do sol”, tornando-se motivos para *novas* canções, como as do poeta diante de revelações: “Sim/ E será então, outra vez/ A vez de cantar [...]” (p. 51).

Em “Poeterização”, terceira e última parte de *Périplo a norte de tudo*, Getúlio Neves cria uma voz que dialoga com uma vasta tradição de autores atentos à produção de poesia. De Horácio, da conhecida “Epístola aos Pisões”, a Maria Amélia Dalvi, de “Poética” (2019, p. 61-64), o tema do poeta diante da composição de versos e do aprendiz ou leitor atravessa a poesia. O poema XVI,

Escrever não baste por si só:
Páginas e páginas cerradas, umas sobre as outras
Importando, mudas,
Verdades e mentiras (em maior ou menor grau)
Que, já se disse, o autor é senhor de tudo.

Escrever deve ao menos fazer sentido
Ainda não sentindo quem o faça
Pois o significado que ficar
Este um, o tal que permanece
Este um atravessará o tempo
E naquilo que importará
Alguém talvez o decodificará
Restabelecendo sentidos e auferindo outros (p. 67),

Um dos traços discursivos dos poemas que tratam do fazer poemas é o conselho que, em geral, vem em forma de máxima ou sentença, como em “Escrever não baste por si só”. O poeta, ao dirigir-se a alguém que deseja escrever, alerta para a necessidade de o escrever ser relevante (e não um passatempo ou diletantismo), para se evitarem “Páginas e páginas cerradas, umas sobre as outras”. Tal preocupação lembra uma famosa sentença do poeta quinhentista português, António Ferreira: “Quem não sabe do ofício, não o trate:/ Dos que sem saber escrevem o mundo é cheio” (2000, p. 306). Nos versos “Escrever deve ao menos fazer sentido/ Ainda não sentindo quem o faça”, além do jogo de palavras em “fazer sentido/ Ainda não sentindo”, o poeta traz outra famosa reflexão sobre a produção de versos, a de o poeta ser um fingidor que finge o

que realmente sente, de "Autopsicografia", de Fernando Pessoa. No poema de Neves, como se nota, noções distintas de poesia e de sua recepção pelos leitores se justapõem, de modo a garantir a compreensão de que o poema deve pretender, com seu "sentido", chegar ao leitor, que "talvez o decodificará/ Restabelecendo sentidos e auferindo outros". O poema trata, ao fim, de outro conhecido tema literário, tornado famoso por Horácio: *exegi monumentum*, isto é: ao escrever, que o poeta erga um monumento, uma obra que possa "atravessar o tempo". E a "lei" para isso vem posta desde o poema-prólogo "Marginal blues (aos poetas simples)": "Poeta-se inteiro, ou se poeta nada" (p. 55).

Os versos de Neves são bem conseguidos (e bem superiores aos de *Blues, sonetos e canções*), seja pela justaposição de registros mais ironicamente "cultos" (nos sonetos, como o VIII: em que "amplexos", "ósculos", "ergástulos" que jogam, esdruxulamente, com a "máscara da Arte" [p. 62]) a mais despojados ("Mas que coisa linda/ Lá da beira do Jucu/ Madalena e Marinas" [p. 27]); seja pelo traçado dos intertextos (novamente Fernando Pessoa: "Ouça:/ Um rio passa em minha terra -/ Inda que não seja propriamente minha" [p. 19]), da busca do ritmo na contraposição de versos longos e curtos, explorando a diversidade dos versos livres, como no poema X, "Eu menti p'ra ti, não fui a São Paulo" (p. 21).

Nesses versos, para além da trilogia das partes que o poeta descortina no póstico (ou prefácio) de seu livro de viagem simbólica, se encerram três vozes líricas bem marcadas pelo tom: divagadora ("Possas alguém sentir num ligeiro, vão olhar/ A sombra do destino que nos ronda" [p. 29]), questionadora ("– Falsos profetas/ Que murmurais sempre o mesmo/ nada haverá de novo/ Sob o sol?" [p. 39]) e orientadora ("O poeta não descure, mas também não se envolve" [p. 66]).

Não se trata aqui, decerto, de um poeta como os muitos "obsedados tanto de seus 'Eus líricos'/ Não se apercebem e nem-se-nada:/ a musa escoas do seu estro pouco// Poetas, e pomposos, qualquer bocejo/ E liricizam, assim, impressionismos/ Voluteando tais exibicionismos [...]" (p. 59). Aquelas vozes

resultam de elaboradas personas do autor, ficções de sua visão de mundo. São facetas constituintes de um leitor que não recusa a sedução da escrita. Sabe-se da dificuldade de se usarem locuções como eu lírico ou persona poética e afins. Como pondera Dominique Combe,

É provavelmente em razão de seu caráter de tensão, e não dialético, que o sujeito lírico, como afirma a crítica, parece altamente problemático, para não dizer hipotético e inapreensível. Não há, a rigor, uma identidade do sujeito lírico. O sujeito lírico não poderia ser categorizado de forma estável, uma vez que ele consiste precisamente em um incessante duplo movimento do empírico em direção ao transcendental. Vale dizer então que o sujeito lírico, levado pelo dinamismo da ficcionalização, não está jamais acabado, e mesmo que ele *não é*. Longe de exprimir-se como um sujeito já constituído que o poema representaria ou exprimiria, o sujeito lírico está em permanente constituição, em uma gênese constantemente renovada pelo poema, fora do qual ele não existe. O sujeito lírico se cria no e pelo poema, que tem valor performativo (COMBE, 2009-2010, p. 112-128).

Nesse sentido, as vozes criadas por Getúlio Neves atuam ou performam *no* e somente *pelo* poema como personas que viandam pelos temas mais caros à literatura: a percepção de si no mundo, a novidade/reiteração de movimentos do mundo sob o sol e a poética. Projeto ambicioso que o autor habilmente conduz, sendo conduzido por Orfeu, por Salomão e por João Evangelista, e pelos poetas pensadores da poesia, os altos nortes do livro-périplo.

Referências:

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Tradução de Gilson Maurity. Rio de Janeiro: Record, 2006.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada: o eu lírico entre a ficção e a autobiografia. *Revista USP*, São Paulo, n. 84, p. 112-128, dez./fev. 2009-2010.

DALVI, Maria Amélia. *Poema algum basta*. Vitória: Cousa, 2019.

FERREIRA, António. Carta XII. In: _____. *Poemas lusitanos*. Edição crítica de Thomas F. Earle. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 303-309.

LANGROUPVA, Helena. A ideia de viagem de Homero a Camões: texto-síntese-I. *Brotéria*, Lisboa, n. 156, p. 267-295, mar. 2003. Disponível em: <http://www.triplov.com/helena/viagem_01.html>. Acesso em: 26 jun. 2020.

NEVES, Getúlio. *Blues, sonetos e canções*. Vila Velha: Toca do Urso, 2005.

Recebida em: 8 de março de 2021.
Aprovada em: 23 de março de 2021.